

COLUNA

CAPOEIRANDO

Jeferson do Nascimento Machado

Juliano Lima Schuartz

História a contrapelo: vanguarda feminina na Capoeira Paranaense

Compreendendo a importância das mulheres - em especial as mulheres negras - para o desenvolvimento da Capoeira e, ao mesmo tempo, reconhecendo que existe um silenciamento sobre suas histórias, buscamos trazer, para a presente coluna, uma conversa sobre o papel das mulheres na construção da Capoeira paranaense. Fazemos isso por acreditarmos, assim como Walter Benjamin, que é necessário uma história a contrapelo, a qual esteja a serviço dos oprimidos. Assim, optamos por escrever uma história do ponto de vista dos subalternos, dos oprimidos, dos renegados, dos marginalizados, dos silenciados.

E, de fato, se fossemos definir a Capoeira Paranaense em poucas palavras, diríamos que ela é um fenômeno social de origem negra, feminina e proletária. Portanto, narrar essa arte marcial-afro, no contexto do Estado do Paraná, é caminhar entre os oprimidos e botar ao avesso a história tradicional, fazendo emergir aquelas vozes marginalizadas e todo um passado renegado.

Historicamente, sempre existiram restrições às mulheres em qualquer campo do esporte considerado violento ou que exigissem força. Partia-se do princípio que havia uma fragilidade no corpo das mulheres e que o seu corpo deveria ser controlado e cuidado para um bom desenvolvimento da sua feminilidade. Por conseguinte, as mulheres ficavam impedidas de participar das artes marciais e as lutas em geral, pois estes esportes eram considerados essencialmente masculino e tidas como parte de ritual de passagem na construção do ser masculino (SOUZA, 2010). Logicamente, essa era uma percepção acerca da mulher branca e burguesa, porém com a legalização da Capoeira, sua esportivização e branqueamento da prática, não demorou muito



para que alguns ideários-burgueses fossem incorporados à Capoeira. A partir de então, buscou-se por um lado masculinizar a capoeira e, por outro, silenciar a história da mulher capoeirista, visto que poderia ser um péssimo exemplo para as mulheres brancas.

Dessa maneira, com a capoeira não foi diferente e, portanto, também existiram essas restrições. Assim, reproduziu-se e ainda se reproduz, a ideia de uma Capoeira masculina. Entretanto, devemos frisar o “[...] papel importante que as mulheres sempre tiveram na tradição africana [...]” (SILVA, ANO, p. 70) e que foi através do processo de colonização, que alguns espaços foram sendo invadidos e estruturados pelo modelo eurocêntrico de vida, caracterizado, entre outras coisas, pelo patriarcalismo. Desse modo, “[...] a imagem representativa das mulheres, especialmente, com sua função materno-sagrada, foi sendo rasurada durante o processo de colonização” (SILVA, ANO, p. 70). Isso explica, em partes, o porquê da Capoeira ainda na atualidade continuar como uma prática de maioria masculina, sobretudo, quando se trata das posições mais elevadas como as de mestres.

Entretanto, vale dizer que, embora seja factual a hegemonia masculina na Capoeira, não significa que ela seja escassa ou esvaziada de personagens femininas. Na verdade, podemos encontrar muitas capoeiristas vanguardistas, desde o século XIX.

Essas mulheres, que muitas vezes foram estigmatizada como masculinas (PIRES, 2004), produziram fissuras no patriarcado e nos ideário correlatos, pois a presença dessas figuras causava certa desestabilidade na sociedade da época, colocando em dúvida as essências universais e imutáveis, das quais se atribuía papéis definidos tanto às mulheres e homens, quanto às pessoas negras e brancas.

Nomes como Maria Felipa de Oliveira, Maria Doze Homens e Salomé, já eram figuras marcantes da capoeira baiana, ainda no século XIX. Maria Felipa de Oliveira, nascida no começo do século XIX, era residente na Ilha de Itaparica e costuma jogar Capoeira no cais de Salvador, em plena escravidão. Ela está associada ao levante negro de 10 de Julho de 1822, movimento que expulsou as últimas tropas portuguesas da Bahia, levando a Independência do Estado. Já Maria Doze Homens e a Salomé, foram lendárias e fazem parte do imaginário popular baiano. Maria Doze Homens, conforme Mestre Atenilo, ensinou capoeira a Salomé e Maria dos Anjos (SOUZA, 2010).

Outros nomes, que aparecem em algumas músicas de capoeira, são as de Dona Maria do Camboatá e Maria Homem, que eram capoeiristas e se envolviam em brigas de ruas. Mestre Bimba também treinou uma mulher chamada Maria doze homens, bem como um grupo de mulheres para participarem de um Festival Nacional (SOUZA, 2010).

Já no ano de 1950, no Rio de Janeiro, um mestre de nome Artur Emídio, treinou muitas mulheres, incluindo Lucy Maria, campeã de tênis. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o professor João Lira Filho, ofereceu o primeiro curso de capoeiragem no âmbito acadêmico, contando com a presença de várias mulheres (SOUZA, 2010).

Houve registro da participação de muitas capoeiristas nos Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs), durante as décadas de setenta e oitenta, visto que na década de oitenta já constavam no regulamento dos jogos a categoria masculina e feminina na modalidade de capoeira. Daqui em diante houve uma maior abertura para as mulheres capoeiristas, o que talvez esteja relacionado à legalização do judô feminino, no ano de 1979, que repercutiu em todo campo das artes marciais (SOUZA, 2010).

No que diz respeito a capoeira paranaense, podemos apontar certo vanguardismo das mulheres na sua longa história, que remete ao século XIX. A referência mais antiga a presenças de capoeiristas na região do atual Paraná, refere-se a memória dos moradores de Quilombo de Água Morna, localizado na microrregião de Ibaiti-PR. Ali os moradores guardam na sua memória que uma ancestral, que viveu no século XIX, no contexto da Guerra do Paraguai (1864 - 1870), era capoeirista e lutava usando navalhas. Essa capoeirista era a Mãe Romana e, conforme relatos de Djair Alves de Lima, descendente quilombola, ela teria lutado “[...] na Guerra com navalha na mão e no vão dos dedos dos pés”¹.

Logo mais, na entrada do século XX, surge outra referência na capoeira, contando novamente com a presença de uma mulher. O Diário da Tarde vinculou a seguinte notícia: “às 7 horas da manhã, deu-se hoje na rua Barão do Serro Azul, um fato escandaloso, de que a polícia não teve conhecimento. Um soldado embriagado, jogava capoeira com uma mulher. Conclusão: tabefes e sangue” (DIÁRIO DA TARDE, 1900).

Desse modo, essa primeira referência do século XX, destaca o uso da capoeira enquanto instrumento de opressão, repetindo uma apropriação da prática existente desde a época do Major Vidigal². Todavia, também encontramos outro documento, de décadas seguintes, do ano de 1979, que apresenta outra capoeirista, de nome Joana da Silva (figura 1), que respondeu a este tipo de violência, que ainda permanecia impregnado na cultura. Desta vez a capoeira foi usada enquanto instrumento de libertação. O Diário do Paraná (1979) noticiou o seguinte:

O barulho na boate da Nadir, na Vila Guáira, era prenúncio de muita confusão, na noite de anteontem. Logo após às primeiras horas da madrugada, não deu outra. A bailarina Joana da Silva, uma bailarina de 23 anos, que luta capoeira e sabe brigar como

¹ GRUPO DE TRABALHO CLÓVIS MOURA. (Paraná). **CRQ comunidade remanescente quilombola água morna.** Disponível em: <<http://www.gtclovismoura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=47>>. Acesso em: 24 dez. 2017.

² Major Miguel Nunes Vidigal ficou conhecido por ser o braço armado da Intendência de Polícia da Corte joanina e por ter sido exímio capoeirista, usando dela para prender os próprios capoeiras da época (REGO, 2005). Vidigal também consta como um dos personagens do *Memória de um sargento de milícias*.

qualquer homem, quase decapitou seu parceiro João Fernandes, no interior de um dos quartos do prostíbulo.

A mulher, que diz saber ser “danada”, quando preciso, foi presa e autuada em flagrante na delegacia do 8º Distrito policial onde confessou o crime. Segunda ela, “ele quis me matar, quis me “amassar” muito e eu tive que me defender”. Para ela, “ele deve ser maníaco, logo que nós entramos no quarto ele foi me acertando um soco no olho e me derrubando no chão” [...] mesmo assim, conseguiu dar uma gravata e cravar a faca no pescoço da vítima. (DIÁRIO DO PARANÁ, 1979, p. 10)

Figura 1 - Joana da Silva, fotografada por Carlos Costas. Ano de 1979



Fonte: Diário do Paraná

Note-se que o desfecho do caso transformou o João Fernandes em vítima e a Joana Silva, em criminosa. Todavia, fato foi que o ocorrido foi noticiado, mostrando a presença das mulheres no campo da capoeira paranaense, bem como as suas habilidades ao utilizar a faceta marcial da capoeira com excelência.

Devemos acrescentar que o vanguardismo das mulheres na história da capoeira paranaense é uma descoberta recente - resultado de nossas próprias investigações - e, ainda, não houve tempo para que essas informações históricas fossem absorvidas pela capoeiragem atual. Em suma, a tradição oral da capoeira paranaense continua creditando a sua história unicamente aos sujeitos masculinos. Entretanto, mesmo com um passado oculto, as mulheres começam a ocupar e construir espaços na capoeira do Estado. Exemplo dessa conquista é a própria chefia atual da FEPARCA, que é presidida por uma mulher, a contramestre Baixinha do grupo Guerreiro dos Palmares.

Enfim, sabendo que narrar a história dos negros e das mulheres é “pra fazê-las existir, viver e ser” (PRIORI, 1998), esperamos ter dado alguma contribuição e instigado nesse sentido.



Jeferson do Nascimento Machado

É Graduado e Mestre em História pela Universidade Estadual do centro Oeste. No campo acadêmico tem desenvolvido estudos sobre a Capoeira, em especial, da Capoeira paranaense. Além disso, também foi praticante assíduo da Capoeira por longo tempo, tendo deixado a prática em 2011, quando ingressou na vida acadêmica. Desde a entrada na academia, até hoje, tem se dedicado ao estudo da prática.



Juliano Lima Schuartz

É estudante de História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e militante no Coletivo Negro Ilê Aiyê, na mesma universidade. Neste coletivo, participa de um grupo de estudos sobre autores outsiders, que são poucos explorados pela academia, como Frantz Fanon, Achille Mbembe, Angela Davis, entre outros. Além disso, começa a desenvolver estudos acerca da literatura brasileira contemporânea. Também inicia estudos sobre o negro e a Capoeira. No geral, acerca do campo teórico, tem realizado diálogo com os estudos pós-coloniais, decoloniais e pós-estruturalistas. Além de tudo, também praticou capoeira por alguns anos e busca desenvolver um projeto de Capoeira dentro da universidade.

Para saber mais:

PIRES, A. L. C. S. **A Capoeira na Bahia de Todos os Santos – Um Estudo Sobre a Cultura e Classes Trabalhadoras (1890 – 1937)**. Tocantins: Grafset Editora Ltda e Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, 2004.

SOUZA, E.G.R.S. **Capoeira: sua História e as Relações de Gênero**. Rio de Janeiro: **ANPHU**, 2010.

PRIORE, Mary. **História das Mulheres: As vozes do silêncio**. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

MACHADO, J. N. **História da capoeira na cidade de Ponta Grossa: relatos e fotografias**. Dissertação

o (Mestrado em História). Irati: UNICENTRO, 2019.